

Severino Antônio

**Uma nova
escuta poética
da educação
e do conhecimento**

Diálogos com Prigogine,
Morin e outras vozes



MOVIMENTO XI: POETIZAR O PEDAGÓGICO

*Música planetária para ouvidos mortais,
a poesia transforma tudo o que toca.
Sua secreta alquimia transmuta em ouro potável as águas letais
que da morte escorrem pela vida.*

Percy Shelley

*A imagem poética existe sob o signo de um ser novo.
Esse ser novo é o homem feliz.
A verdadeira poesia é uma função de despertar.
O poeta fala no âmago do ser.
A poesia é criação do ser pelas palavras.*

Gaston Bachelard

*A educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, talvez mais felizes,
e a assumirmos a dimensão prática e a dimensão poética de nossas vidas.*

*A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo,
é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana.
Revela que habitamos a Terra não só prosaicamente
– sujeitos à utilidade e à funcionalidade –,
mas também poeticamente,
destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase.
Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério,
que está além do dizível.*

Edgar Morin

*Precisamos trazer a vida para a escola. Precisamos trazer
a escola para a vida. Mas, para isso, precisamos de poesia: na
vida e na escola.*

Existem muitos modos de poetizar o pedagógico. Aqui estão dois exemplos, breves e intensos, de sensibilidade criadora na história cotidiana de uma escola de Ensino Infantil e Fundamental:

Já se disse que as grandes ideias vêm ao mundo mansamente, como pombas. Talvez, então, se ouvirmos com atenção, escutaremos, em meio ao estrépito de impérios e nações, um discreto bater de asas, o suave acordar da vida e da esperança.

Albert Camus

2007... Início do ano escolar...
A criança chega ao mundo mansamente, noventa meses...
Chega, e aos poucos vai ficando mais acordada do que dormindo... Começa seu caminhar... Vai para escola... Para o seu jardim de infância...

A criança necessita de movimento, de ar, de luz certa...
Sentimento de liberdade – uma janela aberta.

Janusz Korczak

Acreditando numa educação que recupere a beleza da infância, sua relação viva com a natureza, mas que também introduza, de forma natural, elementos do nosso mundo humano e tecnológico, vamos seguindo, com um discreto bater de asas, nossa travessia de Educadores.
Convidamos os pais ou responsáveis para o nosso primeiro encontro de diálogo deste ano.

Kátia Tavares

Mais um exemplo de bilhete para convidar pais e responsáveis para a primeira reunião do ano letivo que começa:

Quando eu tinha uns quatro ou cinco anos, de repente descobri que se pode segurar a luz nas mãos. Para isso bastava pegar lápis de cor ou blocos coloridos e brincar com eles. Eu começava a fazer toda a sorte de colorações por horas a fio, sem dar-lhes muita forma, penso eu, mas imergindo como se mergulha numa fonte.

Meus olhos continuam repletos dessas cores.

Jacques Lusseyran

Começamos... Já estamos todos – crianças e educadores – segurando luz nas mãos. Desejamos um ano de muitas colorações nas aprendizagens de todos – famílias e escola – e que possamos continuar com os olhos repletos de cores e mãos de luzes para tecermos um mundo cada vez melhor.

Fevereiro de 2008

Kátia Tavares

Esses são dois convites para reuniões. No entanto, *educam poeticamente. Despertam ressonâncias. Fazem sentir, fazem pensar, fazem viver. Poetizam o pedagógico*, não no sentido de ler ou escrever poemas, mas no sentido de educar a sensibilidade, educar a percepção e os sentimentos, assim como educar a imaginação e a inteligência.

Uma necessidade vital: educar os olhos, os ouvidos e os outros campos sensoriais. Recuperar a capacidade de admiração, de espanto, de assombro, que é a origem da filosofia, das ciências, das artes, da literatura. Do mesmo modo, é preciso desenvolver a capacidade de escutar. Escuta da natureza, escuta das vozes do mundo, e também da nossa própria voz e das vozes dos outros, que ressoam em nós, estranhamente familiares, como diálogos que não têm começo nem fim.

A tese da educação dos sentidos raras vezes foi escrita com a beleza do texto de Kandinski, em *O ponto e a linha sob o plano:*

Tudo o que parece morto, palpita. Não apenas as coisas da natureza – mar, lua, estrelas – mas também um botão brilhando em uma poça de lama. Tudo tem uma alma secreta, que guarda silêncio com mais frequência do que fala. (...) O homem não é um espectador através de uma janela, mas penetra nas ruas. Uma vista e um ouvido atentos transformam pequenas sensações em grandes vivências. De todas as partes fluem vozes, o mundo inteiro ressoa. Como um explorador que se aventura por territórios desconhecidos, fazemos nossas descobertas no cotidiano (apud Severino Antônio, 2002b, p. 64).

Outra necessidade vital: reaprender a capacidade de empatia, de reconhecermo-nos uns aos outros e uns nos outros, como reconhecimento da unidade complexa e da diversidade entretecida que constituem a aventura humana, a de cada um e a de todos.

Com pequenos gestos, é possível reeducar a inteligência como interpretação criadora, intus-legere, ler entre as linhas, como já escrevemos antes.

Para isso, e para poetizar a educação como atividade de criação de sentido, precisamos da convivência poética. Precisamos dos poemas.

O poema é a linguagem mais intensamente carregada de significação. A poesia não separa, mas religa o pensar e o sentir, o perceber e o imaginar, a criatividade e a comunhão. Assim, desperta e desenvolve a capacidade de interpretar. Revela-se imprescindível para o educar a capacidade de interpretação: *mais do que as linhas, as entrelinhas. Ensina-nos a reconhecer a multiplicidade de sentidos, nos textos e no mundo, assim como nas nossas existências.*

A convivência poética educa-nos para ler “criadoramente”, para recriar as ideias e as imagens dos textos, interligando-as com os textos da nossa própria vida. Aprendemos a ler de modo criador e recriador, como uma atividade de compreensão, de diálogo, que é também um ato estético, de criação de sentido e de beleza. Educa-nos para conviver com

as linguagens polissêmicas, com as complexas tessituras de símbolos.

Precisamos do viver poético, da poetização do pedagógico, primeiro nas menores coisas. Se a poesia não estiver presente nas frestas dos dias, e em pequenos gestos cotidianos, não estará em nenhum lugar. Como no célebre *haikai*, de Issa, que recrio livremente de memória: “através da fresta / no papel da janela / um espetáculo: a Via-Láctea”.

Reconheço a desmedida dificuldade de realização dessa proposta de poetizar o pedagógico em nosso cotidiano anti-poético ao extremo, ressecado e embrutecido. Poeta-filósofo, Hölderlin escreveu: “poeticamente o homem habita esta Terra”. No entanto, na sociedade moderna, a poesia foi desterrada. O mundo burguês despreza a poesia: na verdade, não suportaria conviver com ela, com seu questionamento crítico e criativo.

A perda do poético desnuda a perda de sentido, em todos os campos da existência.

A solidão e o desenraizamento: já não sentimos o nosso pertencimento a uma família, a uma comunidade, a uma classe social, a um povo. Nem nosso pertencimento à humanidade, à Terra, ao cosmos.

A desfiguração e as dilacerações: sem voz própria, partidos, perdemos a imagem do mundo e a nossa própria imagem; esquecemos nossa história, quem realmente somos, o que genuinamente desejamos, o que precisamos vir a ser.

Errantes em nós mesmos e no mundo errante, precisamos de renascimentos. Precisamos de recriação poética.

Exatamente por seu exílio, o poético não se reduziu à mercadoria, não foi desnaturado pelos poderes do mercado capitalista. O poema continua sendo um objeto de produção, nunca um objeto de consumo. O poema é criação de sentido, de linguagem, de vida e convivência.